

## A circulação da Educação Museal em eventos da área de Ensino de Ciências

DOI: 10.33871/23594381.2026.24.1.11837

Laura Darif Turra<sup>1</sup>, Griscele Souza de Jesus<sup>2</sup>, Marcelo Valério<sup>3</sup>

**Resumo:** Os museus são ambientes educativos que possuem saberes e culturas próprias. São considerados espaços com intencionalidade pedagógica e amplamente estudados na área de Ensino de Ciências. Isto posto, esta pesquisa realiza um levantamento de trabalhos publicados nas atas dos maiores eventos da área, em eixo temático específico sobre divulgação científica e educação não-formal, buscando responder a seguinte questão: qual a repercussão e o impacto da Educação Museal nos maiores eventos da área de Ensino de Ciências? A busca se deu em uma base já constituída, sendo parte de uma pesquisa de Mestrado, utilizando o indicador “muse” para selecionar os trabalhos a partir de títulos e palavras-chave. Os resultados revelam o protagonismo do Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências e do Encontro Nacional de Ensino de Biologia, além da concentração das produções no Sudeste, região com mais museus, fomento e grupos estruturados de pesquisa sobre o tema. Além disso, a categorização dos trabalhos em “Educação Museal e espaços formais de ensino” e “Educação Museal *Stricto Sensu*” demonstra que os pesquisadores reconhecem o potencial desses espaços tanto em uma perspectiva escolarizada, como de modo independente.

**Palavras-chaves:** educação não-formal, espaços não-formais, museus, divulgação científica.

### The dissemination of Museum Education in Science Education events

**Abstract:** Museums are educational environments with their own distinct knowledge and cultures. They are considered spaces with pedagogical intentionality and are widely studied within the field of Science Education. Therefore, this research surveys papers published in the proceedings of the field's major events within the specific thematic track of science communication and non-formal education. The study seeks to answer: what is the reach and impact of Museum Education within major Science Education conferences? The search was conducted on a pre-existing database as part of a Master's research, using the descriptor “muse” to select papers based on titles and keywords. The results reveal the prominence of the Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências and Encontro Nacional de Ensino de Biologia. Furthermore, they show a concentration of academic production in the Southeast, a region with a higher density of museums, funding, and structured research groups on the subject. Additionally, the categorization of papers into “Museum Education and formal teaching spaces” and “Museum Education *Stricto Sensu*” demonstrates that researchers recognize the potential of these spaces from both a school-oriented perspective and an independent one.

**Keywords:** non-formal education, non-formal settings, museums, science communication.

### Introdução

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação em Ciências e Educação Matemática pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (PPGECM/UNIOESTE). ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-6459-4984>. E-mail: [laura.turra@unioeste.br](mailto:laura.turra@unioeste.br).

<sup>2</sup> Doutoranda em Educação em Ciências e em Matemática pela Universidade Federal do Paraná (PPGECM/UFPR). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6906-4094>. E-mail: [griscele.souza@ufpr.br](mailto:griscele.souza@ufpr.br).

<sup>3</sup> Professor Doutor, da Universidade Federal do Paraná e do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM/UFPR). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2107-6023>. E-mail: [marcelovalerio@ufpr.br](mailto:marcelovalerio@ufpr.br).

A alfabetização científica e tecnológica é um projeto formativo dependente tanto da educação formal quanto de iniciativas não escolares. Estas, ocorrem em espaços como os museus, parques, zoológicos etc., historicamente entendidos como ambientes não formais de educação (Jacobucci, 2008; Gohn, 2006). Em recente texto editorial, a professora Martha Marandino questiona a necessidade dessa demarcação, compreendendo que tais iniciativas (formais, não-formais e informais) se relacionam, havendo sobreposições, continuidades e reciprocidades (Marandino, 2017).

De qualquer modo, entre os ambientes ou práticas educacionais que extrapolam os limites da sala de aula destacam-se os museus de ciência e tecnologia, considerados espaços que possuem saberes e culturas próprias (Jacobucci, 2008; Marandino, 2005) e que viabilizam o acesso da população à esses conhecimentos (Valente; Cazelli; Alves, 2005; Palmieri; Silva; Lorenzetti, 2017; Steola; Kasseboehmer, 2018). Infelizmente, a pesquisa de percepção pública da ciência e tecnologia realizada em 2023<sup>4</sup> aponta que grande parte da população, ainda, não acessa esses espaços, sobretudo, pela ausência dos museus na região em que residem.

Este trabalho entende e conceitua o que é um museu a partir da definição da *International Council of Museums* (ICOM), que propõem que:

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos e ao serviço da sociedade que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Com a participação das comunidades, os museus funcionam e comunicam de forma ética e profissional, proporcionando experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimentos (ICOM Brasil, 2022, n.p.).

Para além, “o campo da Divulgação Científica [DC] tem como um de seus potenciais locais para o desenvolvimento de ações, os museus de ciências” (Silva; Lorenzetti; Silva, 2019, p.37). As práticas de DC desenvolvidas em museus possuem um papel pedagógico (Marandino, 2009) e um “[...] valor social traduzido em educação e democracia” (Valério, Takata, 2025, p.16). Assim, os museus de ciência e tecnologia constituem um campo de investigação para a área de Ensino (Oliveira; Almeida, 2019).

Não à toa, os maiores eventos da área – a saber, Encontro Nacional de Ensino de Química (ENEQ), Encontro de Pesquisa em Ensino de Física (EPEF), Encontro Nacional de Ensino de Biologia (ENEBio) e o Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC) – possuem, todos, uma linha temática específica em DC e educação não-formal (EnF). Os trabalhos de Parra e Kasseboehmer (2014), ou de Lira, Costa e Rocha (2021), são

<sup>4</sup> Disponível em: <https://percepcao.cgee.org.br/>.

exemplos de estudos que partem atas do ENEQ e ENPEC, respectivamente, para verificar aspectos acerca da produção sobre museus.

Neste artigo, que emerge da expansão de um resumo publicado no V Encontro Nacional da Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciências, propõem-se avançar e atualizar essa compreensão, investigando a circulação da Educação Museal na linha temática em DC e EnF das três últimas edições do ENEQ (2024, 2023, 2021), EPEF (2024, 2022, 2020), ENEBio (2021, 2018, 2016) e ENPEC (2023, 2021, 2019), assumindo como problema de pesquisa: Qual a repercussão e o impacto da Educação Museal nos maiores eventos da área de Ensino de Ciências?

Para responder essa questão, investigou-se a representatividade dos trabalhos sobre museus e a dispersão das publicações entre os estados e regiões brasileiras, classificando-os em duas categorias temáticas e apontando as ideias que circulam em cada uma delas.

## Metodologia

Os dados referentes aos trabalhos publicados nas linhas temáticas e eventos mencionados anteriormente compõem uma planilha do pacote *Microsoft Office*® e fazem parte de uma pesquisa maior – a saber, uma Dissertação de Mestrado. Para o recorte desta análise, o *corpus* foi constituído a partir da busca no título e nas palavras-chave, por meio do indicador “muse”, objetivando alcançar variações terminológicas como “museu(s)”; “museal(is)”; museológica(s)”, por exemplo.

Na tabela abaixo, indica-se a edição e o evento; a totalidade de estudos na edição e na linha temática de interesse; e a totalidade de estudos sobre museus.

**Tabela 1:** Relação da totalidade de trabalhos

Evento/edição	Total de trabalhos na edição	Total de trabalhos na linha temática em DC e EnF	Total de trabalhos sobre museus
XIV ENPEC (2023)	1049	77	19
XIII ENPEC (2021)	806	58	13
XII ENPEC (2019)	1035	64	23
XXII ENEQ (2024)	941	62	5
XXI ENEQ (2023)	437	18	2
XX ENEQ (2021)	703	30	3
XX EPEF (2024)	251	14	0
XIX EPEF (2022)	162	6	0
XVIII EPEF (2020)	257	8	1
VIII ENEBio (2021)	568	65	9
VII ENEBio (2018)	902	66	14
VI ENEBio (2016)	699	43	9

**Fonte:** Dados da pesquisa. Elaborado pelos autores (2025).

A partir da constituição dos dados analisou-se, inicialmente de forma quantitativa, o impacto do tema em relação à edição e a linha temática, considerando a prevalência das produções e sua alocação em diferentes estados e regiões brasileiras.

Em uma perspectiva qualitativa, enquadram-se os artigos em duas categorias: Educação Museal e espaços formais de ensino; e Educação Museal *Stricto Sensu*, a partir da leitura dos títulos e resumos. Na primeira categoria encontram-se os trabalhos que repercutem o tema ligado ao ensino formal, seja direcionado para formação inicial e continuada de professores, educação superior ou educação básica; na segunda, localizam-se os estudos sobre as práticas e ações dos museus, independente da relação com o ensino formal. Após a categorização, ampliou-se a busca pelas ideias que circulam em cada uma delas.

Justifica-se a definição dessas duas categorias (*a priori*) por meio de um ponto de vista teórico, onde as articulações da literatura analisada privilegiam a relação dos museus com a educação formal e da perspectiva dos autores deste trabalho, de pensar e defender os museus como espaços autônomos de educação.

## Resultados e Discussão

Após a constituição dos dados reconhece-se a presença de 98 estudos a respeito do tema museus nas atas e anais das três edições mais recentes do ENEQ (2024 à 2021), EPEF (2024 à 2020), ENEBio (2021 à 2016) e ENPEC (2023 à 2019). Na tabela abaixo, pode ser observado o impacto dos estudos sobre museus em comparação à totalidade de artigos da edição e em relação à linha temática específica.

**Tabela 2:** Percentual de trabalhos sobre a Educação Museal nos eventos

Evento/edição	% de trabalhos sobre museus em relação à totalidade da edição	% de trabalhos sobre museus em relação à linha temática em DC e EnF
XIV ENPEC (2023)	1,8	24,7
XIII ENPEC (2021)	1,6	22,4
XII ENPEC (2019)	2,2	36,0
XXII ENEQ (2024)	0,5	8,1
XXI ENEQ (2023)	0,5	11,1
XX ENEQ (2021)	0,4	10,0
XX EPEF (2024)	-	-
XIX EPEF (2022)	-	-
XVIII EPEF (2020)	0,4	12,5
VIII ENEBio (2021)	1,6	13,6
VII ENEBio (2018)	1,5	21,2
VI ENEBio (2016)	1,4	20,9

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pelos autores (2025).

Conforme os dados, os eventos de maiores proporções são o ENPEC e ENEBio. O ENPEC reúne as três ciências naturais (Biologia, Química e Física) e áreas correlatas, deste modo, pode-se deduzir que parte da sua produção também tem origem no Ensino de Biologia, assim como no ENEBio, que é específico desta área. É possível notar que ambos contam com a maioria das pesquisas sobre museus, pois, das 98 produções, 55 estão alocadas nas atas do ENPEC e 32 nos anais do ENEBio. Destaca-se, principalmente, o XII ENPEC, onde mais de um quarto dos estudos (36%) da linha temática em DC e EnF são sobre museus, e, quando comparado à totalidade de artigos publicados na edição, é o único em que os museus ultrapassam 2% da produção.

Também se pontua o impacto da Educação Museal nas outras duas edições do ENPEC (XIII e XIV) e no ENEBIO (VI e VII), nas quais a percentagem dos trabalhos sobre museu ultrapassa 20%. Em contrapartida, pode-se indicar a baixa produção sobre museus nas áreas de Química e de Física, uma vez que o único EPEF com publicação sobre Educação Museal foi a XVIII edição, com um único trabalho; e, no ENEQ, a representatividade não ultrapassa os 11%.

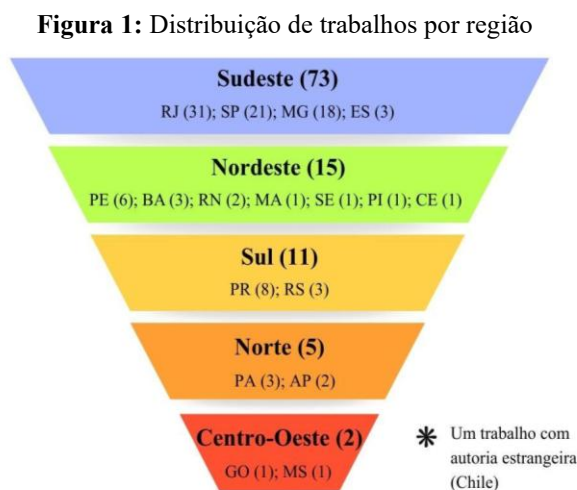
Corroborando com esses dados, aponta-se o estudo desenvolvido por Ovigli e Caluzi (2009), que analisou quatro décadas de produção sobre museus em teses e dissertações (1970-2010). Os autores indicam que as áreas com menor produção a respeito do tema, nas Ciências da Natureza, são Química e Física. Outros estudos mais recentes, como Almeida, Rocha e Oliveira (2015), Palmieri (2018) e Steola e Kasseboehmer (2018), acusam que a Química, por exemplo, é uma das áreas de menor representatividade nos espaços físicos dos museus.

Neste último trabalho, inclusive, declara-se que:

[...] a Química é escassa em centros e museus de ciências, não ultrapassando o índice de 40%. A maior parte das atividades é voltada para apoio à educação formal com o oferecimento de cursos para professores e estudantes com a utilização de laboratórios ou a realização de experimentos quando há monitor disponível. Poucos foram os exemplos de exposições criadas para que o público geral possa interagir e aprender sobre a área sem a supervisão de um monitor, como pode ocorrer em outras áreas do conhecimento. As dificuldades apontadas para criar ou manter um setor de Química são principalmente financeiras e de recursos humanos (Steola; Kasseboehmer, 2018, p.1081).

Assim, nota-se que a Química não possui baixa representatividade só na literatura sobre museus, mas que ainda ocupa um lugar de menor prestígio nas exposições e atividades desses espaços, o que impacta diretamente em pesquisas da área.

Para ampliar as discussões acerca dos resultados acima, considerou-se a dispersão da produção sobre o tema entre as regiões e estados brasileiros, sistematizando os dados na Figura 1.



Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pelos autores (2026).

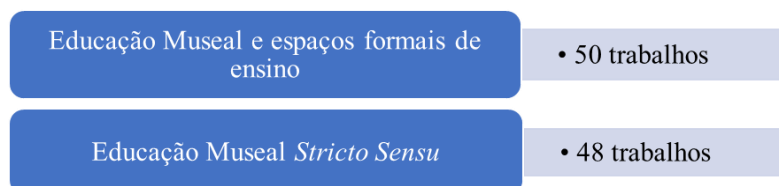
Inicialmente foram considerados os vínculos de cada uma das autorias dos trabalhos, o que inflou os números para além da quantidade de artigos analisados (98). Isso se dá pelo fato de que nem todos os autores que colaboram entre si estão vinculados às mesmas regiões ou estados. Identificaram-se colaborações científicas entre autores de duas e três regiões distintas e, neste caso, a publicação foi somada ao total de cada uma dessas localidades.

É possível indicar a prevalência de pesquisas sobre museus no Sudeste, reafirmando o que já foi apresentado por estudos similares (Parra; Kasseboehmer, 2014; Lira; Costa; Rocha, 2021). Essa prevalência, relaciona-se com uma região que detém o maior volume de museus, sejam espaços físicos (Mariuzzo, 2011, Carlétti; Massarani, 2015; Steola; Kasseboehmer, 2018; Canedo; Severino, 2023) ou virtuais (Santos Júnior; Valério; Pacheco, 2025). Em contrapartida, têm-se as regiões Norte e Centro-Oeste com um número consideravelmente inferior de trabalhos sobre museus, esse fato, pode-se relacionar com esses estados possuírem menos museus catalogados (Mariuzzo, 2011; Canedo; Severino, 2023).

Tais apontamentos, além de afetar as pesquisas, também interferem no acesso da população à esses ambientes culturais e educacionais de modo presencial, fazendo com que a modalidade *on-line* se torne uma alternativa. Porém, conforme a pesquisa de Santos Júnior, Valério e Pacheco (2025), as regiões Centro-Oeste e Norte também apresentam menor oferta de instituições museais virtuais. Em vista disso, compreende-se que: a ausência/escassez das áreas nas exposições e espaços museais em algumas localidades brasileiras pode comprometer também o interesse e a oportunidade de investigações a respeito.

Após a constituição dos dados quantitativos e da constatação do impacto e representatividade de cada evento e de cada região na produção sobre Educação Museal, passou-se para a etapa da análise em que, a partir da leitura de títulos e resumos, categorizaram-se os estudos em dois grupos. Na Figura 2, indica-se as duas categorias e o número de trabalhos que estas agrupam.

**Figura 2:** Categorização dos trabalhos



Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pelos autores (2025).

A repercussão da Educação Museal nesses eventos aparece, na maioria das vezes, vinculada a estudos realizados na educação formal. Destes 50 estudos, alocados na categoria “Educação Museal e espaços formais de ensino”, 26 pertencem ao ENPEC, 6 ao ENEQ e 18 ao ENEBio. As ideias que circulam nesses trabalhos foram sistematizadas no Quadro 1:

**Quadro 1:** As ideias que circulam nos trabalhos da categoria “Educação Museal e espaços formais de ensino”

Subcategorias investigativas	Descrição das subcategorias	Quantidade de estudos
Contribuições dos museus para o ensino	Museus e/ou seus acervos e suas contribuições para o ensino curricularizado.	16
Museus na formação de professores	Experiências, contribuições e/ou relações nos/dos museus com a formação inicial e continuada de professores.	12
Visitas aos museus	Aspectos que envolvem as visitas escolares aos museus.	9
Panorama das publicações sobre museus	Revisões, levantamentos e mapeamentos de trabalhos sobre museus e ensino.	4
Museus virtuais	Aplicação, utilização ou desenvolvimento de atividades museais virtuais no ensino escolar.	3
Itinerância das exposições	Exposições itinerantes em ambientes escolares.	2
Museus nos currículos	Presença dos museus em currículos de licenciaturas.	1
Formação de pesquisadores em museus	O processo de formação de um pesquisador a partir de sua atuação em museus.	1
Formação de mediadores em museus	Investigações acerca da formação de alunos mediadores a partir de bolsas de estudo.	1
Constituição de uma exposição por alunos	Participação de alunos na elaboração de uma exposição museal.	1

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

A partir do Quadro 1 é possível destacar que, destes 50 estudos, 37 abordam os museus a partir de ideias que investigam as “Contribuições dos museus para o ensino”; os “Museus na formação de professores”; e, as “Visitas aos museus”.

Na primeira subcategoria, cita-se como exemplo os estudos: “A história natural no museu: contribuições para o Ensino de Ciências” e “Investigando a prática docente em ciências e biologia a partir de uma coleção didática zoológica do museu nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)”. O primeiro elabora uma discussão teórica com autores da filosofia, da museologia e da educação para argumentar sobre a contribuição da comunicação museal para o Ensino de Ciências, enquanto o segundo, analisa ações educativas de professores que usam coleções museais em sua prática docente e apontam as contribuições para o ensino.

Fica nítida a aproximação desses espaços com os alunos e os professores da educação básica (Jacobucci, 2008), além disso, os museus possuem “[...] intencionalidades e propósitos próprios, que possibilitam abordar conceitos e fenômenos científicos, e suas relações com outros aspectos da cultura e da vida social, de modo que a tradicional educação escolar não é capaz ou, nem mesmo, se propõe” (Santos Júnior; Valério; Pacheco, 2025, p.1). Assim, estudos que analisam as contribuições dos museus para o ensino escolar são válidos e importantes.

A subcategoria que contempla os “Museus na formação de professores” está em crescimento e se apresenta, aqui, como a segunda mais expressiva em volume de trabalhos. Esta constatação, quando conflitada com a literatura, parece ser uma tendência: se no estudo de Parra e Kasseboehmer (2014), realizado há duas décadas, tal categoria era apontada como a menos relevante (nas atas do ENEQ), levantamentos recentes como o de Lira, Costa e Rocha (2020), apontam-na como a mais expressiva (no mesmo evento). Com isso, nota-se que os pesquisadores teriam percebido o que poderia/pode ser uma lacuna de pesquisa e estariam se dedicando mais a esse tema. Cabe pontuar, contudo, que somente dois destes 12 estudos localizados abordaram a formação continuada, com o restante tratando da formação inicial.

Em outra pesquisa de Lira, Costa e Rocha (2021), em que os autores mapeiam estudos do ENPEC, entre 2011 e 2019, a subcategoria mais volumosa é indicada como aquela que contempla visitas a museus. Os autores pontuam a prevalência de trabalhos que analisam as visitas escolares, assim como nesta pesquisa (ensino fundamental, médio e técnico). É convidativo refletir sobre a ausência e necessidade de investigações sobre visitas com alunos do ensino superior nesses espaços (sem que sejam direcionadas para a formação de professores), portanto, sugere-se aqui uma possibilidade de pesquisa futura, pensando nas visitas como um aspecto formativo de pesquisadores e mediadores, por exemplo.

Embora houvesse uma hipótese de que as atas e anais de Encontros Nacionais da área de Ensino de Ciências vinculassem as práticas, produtos e estudos sobre DC e EnF com a escola, cumpre observar que há equilíbrio entre esses estudos e aqueles que se debruçam sobre os museus *per se*. Quase 49% das publicações não relacionam suas pesquisas sobre museus com a educação formal, de modo que se pode inferir que a área de Ensino reconhece o potencial educativo dos museus, independente da sua relação com o ensino curricularizado.

Enfatizar as pesquisas que estudam esses espaços para além da sua relação com o ensino formal não é uma negação ao seu potencial educativo, pelo contrário, é pensar que esses espaços culturais “[...] podem e devem ir além do apoio e complementação escolar, oferecendo assim uma outra fonte de acesso à cultura” (Bezzon; Bizerra, 2024, p.6). Aliás, Marandino (2009) aponta que a preocupação com aspectos pedagógicos e didáticos nas exposições museais são observadas há muito tempo, e que, a partir dos anos 2000, essa dimensão educativa vem se ampliando.

Já a repercussão da Educação Museal *Stricto Sensu* alcançou 48 estudos, sendo que 29 pertencem ao ENPEC, 4 ao ENEQ, 1 ao EPEF e 14 ao ENEBio. As ideias que circulam nesses trabalhos foram sistematizadas no Quadro 2:

**Quadro 2:** As ideias que circulam nos trabalhos da categoria “Educação Museal *Stricto Sensu*”

Subcategorias investigativas	Descrição das subcategorias	Quantidade de estudos
Exposições museais	Aspectos desenvolvidos/proporcionados/sentidos em exposições.	27
Museu virtual	Tipologias, potencialidades e atuação de museus virtuais.	7
Mediadores em foco	Trabalho, atuação e visões dos mediadores.	4
Levantamento de museus	Mapeamento teórico ou estudo empírico que caracteriza e quantifica os espaços museais.	3
Museus e divulgação científica	Ações/práticas de divulgação científica desenvolvidas por museus e articulações teóricas sobre os temas.	3
Itinerância das exposições	Foco em ações itinerantes para um público mais amplo.	2
História dos museus	Pesquisas teóricas que resgatam a história de museus.	1
Acessibilidade e inclusão	Investigações sobre acessibilidade/inclusão em museus.	1

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

A primeira subcategoria de ideias circulantes é mais volumosa que as demais, uma vez que abrange toda e qualquer questão que envolve as exposições dos museus, como: análise de temáticas específicas e áreas do conhecimento abarcadas pelas exposições; discursos

expositivos; diálogos e saberes proporcionados; relações, disputas e tensões na elaboração de uma exposição e na manutenção de acervos; emoções durante as visitas; filmes/documentários; oficinas; interação entre famílias em exposições e perguntas realizadas nas visitas.

Cita-se como exemplo: “Análise da abordagem sobre a Doença de Alzheimer em museus e centros de Ciências do Rio de Janeiro” e “Educação não formal, museus e emoções: enlaces e reflexões necessárias”. O primeiro, faz a análise da presença de um tema específico em exposições, e é o tipo de análise mais recorrente nesta subcategoria, sendo vislumbrando, também, de forma ampla na literatura (Colombo Junior; Marandino; Scalfi, 2023; Souza; Marandino, 2024). No segundo, os autores refletem sobre as emoções que podem derivar de uma visita, afirmando que a exposição e as emoções são indissociáveis. Este tema, em específico, tem interessado aos pesquisadores de museus e aparecido nas produções, como no trabalho de Aguiar *et al.* (2025). No estudo, os autores argumentam sobre as contribuições das emoções no processo de aprendizagem nos espaços museais, afirmando que os fenômenos psicológicos vão influenciar nos “[...] aspectos afetivos, cognitivos e motivacionais que são mobilizados na medida em que os sujeitos se envolvem com um tema ou habilidade relacionada à ciência promovendo, portanto, um aprendizado significativo” (Aguiar *et al.*, 2025, p.4).

Cabe pontuar que as subcategorias “Museu virtual” e “Itinerância das exposições” voltaram a aparecer, porém, desta vez, sem estabelecer relações com a escola. Cita-se como exemplo, os estudos: “Museu nacional em tempos de pandemia: estudo netnográfico das lives no instagram” e “Análise do projeto Caminhão da Ciência: potencialidades para a divulgação científica no oeste baiano”. O primeiro investigou as ações virtuais do Museu Nacional durante a pandemia, nesse sentido, reforça-se o papel importante dos museus na oferta de ações educativas e culturais remotas (Ribeiro; Massarani; Falcão, 2020). Já o segundo, analisa as características e potencialidades de atividades itinerantes ligadas a museus, esses que desenvolvem “[...] um movimento que busca não apenas atrair, mas expandir o público dos museus, buscando-o em outros locais” (Xavier, 2014, p.37), promovendo a divulgação científica para além da estrutura física e fixa do museu.

Ainda, vale mencionar sobre a subcategoria “Mediadores em foco”, citando como exemplo os seguintes trabalhos: “Educadores de museus de ciência itinerantes: reflexões em tempos pandêmicos” e “Influência da mediação no processo de aprendizagem dos visitantes do museu de zoologia da Universidade de São Paulo”. Pesquisas deste tipo, com ênfase no trabalho do mediador e em suas perspectivas, são importantes, pois os “mediadores de museus de ciências são profissionais que atuam ativa e constantemente na prática da comunicação da ciência e na educação que ocorre nesses locais” (Rocha; Marandino, 2020, p.1). Além disso,

esses educadores assumem como principal função “[...] facilitar a experiência dos visitantes encorajando-os a se envolver ativamente e a pensar sobre a exposição” (Carlétti; Massarani, 2015, pp.14-15).

Por fim, chama-se a atenção para temas menos discutidos, como aspectos históricos dos museus e questões de acessibilidade, que devem surtir novas investigações.

Em conclusão, pode-se afirmar que a Educação Museal está presente nos eventos da área de Ensino e tem impacto frente à linha temática sobre DC e EnF, circulando em alguns eventos com mais representatividade do que em outros, destacando-se no ENPEC e ENEBio. A repercussão dos museus nesta pesquisa está conectada, em maior número, com a educação formal, mas, ainda assim, os trabalhos que não relacionam os espaços museais com a educação curricularizada são significativos e exibem abordagens diversas.

### **Considerações finais**

Tendo em vista que em algumas áreas – como a Química e a Física – os estudos acerca da Educação Museal nos eixos sobre DC e EnF se apresentam em baixo número, mesmo com pesquisadores de Ensino de Ciências reconhecendo os museus e centros de ciência e tecnologia como espaços importantes para a Educação Científica. Por isso, faz-se necessário um esforço dessa comunidade para potencializar as pesquisas a respeito da Educação Museal, contribuindo também para que as áreas recebam mais atenção dos acervos e exposições.

Já a concentração das produções, principalmente, na região Sudeste parece refletir dinâmicas econômicas e sociais. Sabidamente, os grupos de pesquisa de maior projeção estão nas regiões privilegiadas, de modo que uma maior dispersão das pesquisas depende, também, da superação da desigualdade de oferta desses aparatos culturais.

Finalmente, salienta-se que merecem mais atenção questões como formação de pesquisadores e mediadores museais, a inserção dos museus em currículos formais, acessibilidade e inclusão, e a história desses espaços. As principais ideias circulantes são acerca das “contribuições dos museus para o ensino” e das “exposições museais” propriamente ditas, permitindo concluir que os pesquisadores da área de Ensino reconhecem o potencial da Educação Museal tanto em uma perspectiva escolarizada, curricularizada, como de modo independente.

### **Referências**

AGUIAR, B. I.; MASSARANI, L.; SCALFI, G.; GONÇALVES, W. Emoções e Ciência: uma análise das conversas e interações de famílias durante visitas espontâneas ao Museu da Natureza

(Piauí, Brasil). **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, v. 33, p. 1-34, 2025.

ALMEIDA, R. dos S.; ROCHA, M. B.; OLIVEIRA, G. C. da G. de. A química presente nos acervos museais pela ótica dos profissionais de museus. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS*, 10., 2015, Águas de Lindóia. **Anais [...]**. Águas de Lindóia: ABRAPEC, 2015.

BEZZON, R. Z.; BIZERRA, A. Educação não formal e espaços científico-culturais brasileiros: uma visão materialista histórico-dialética. **Investigações em Ensino de Ciências**, [S. l.], v. 29, n. 1, p. 1–22, 2024.

CANEDO, D. P.; SEVERINO, J. R. (orgs.). **Pesquisa nacional de práticas educativas dos museus brasileiros: um panorama a partir da política nacional de educação museal: relatório final**. 1. ed. Joinville, SC: Casa Aberta Editora e Livraria; Brasília, DF: Instituto Brasileiro de Museus, 2023.

CARLÉTTI, C.; MASSARANI, L. Mediadores de centros e museus de ciência: um estudo sobre quem são estes atores-chave na mediação entre a ciência e o público no Brasil. **JCOM**, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 1-17, 2015.

COLOMBO JUNIOR, P. D.; MARANDINO, M.; SACALFI, G. Percepções de visitantes sobre questões sociocientíficas controversas em exposições sobre biodiversidade. **Areté**, Manaus, v. 21, n. 35, p. 1-22, 2023.

GOHN, M. G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, 2006.

ICOM BRASIL. **Nova definição de museu**. São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.icom.org.br/nova-definicao-de-museu-2/>. Acesso em: 03 fev. 2026.

JACOBUCCI, D. F. C. Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica. **Em extensão**, Uberlândia, v. 7, n. 1, p. 55-66, 2008.

LIRA, L. M. de A.; COSTA, P. M. M. da; ROCHA, M. B. Museus no Ensino de Química no Brasil – Um panorama a partir do ENPEC nos últimos anos (2011-2019). *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS*, 13., 2021, ENPEC em redes. **Anais [...]**. [on-line]: ABRAPEC, 2021.

LIRA, L. M. de A.; COSTA, P. M. M. da; ROCHA, M. B. O ensino de Química em espaços não formais: mapeamento nas últimas cinco edições do ENEQ. *In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE QUÍMICA*, 20., 2020, Pernambuco. **Anais [...]**. Pernambuco: SBEnQ, 2020.

MARANDINO, M. Faz sentido ainda propor a separação entre os termos educação formal, não formal e informal? **Ciência & Educação**, Bauru, v. 23, n. 4, p. 811-816, 2017.

MARANDINO, M. Museus de Ciências, Coleções e Educação: relações necessárias. **Museologia e Patrimônio**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 1–12, 2009.

MARANDINO, M. A pesquisa educacional e a produção de saberes nos museus de ciência. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 12 (suppl), p. 161-81, 2005.

MARIUZZO, P. Cresce número de museus no Brasil. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 63, n. 2, p. 9-11, 2011.

OLIVEIRA, E. M. de; ALMEIDA, A. C. P. C. de. O espaço não formal e o ensino de ciências: um estudo de caso no centro de ciências e planetário do Pará. **Investigações em Ensino de Ciências**, [S. l.], v. 24, n. 3, p. 345-364, 2019.

OVIGLI, D. F. B.; CALUZI, J. J. Representatividade e tendências da pesquisa em educação em museus de Ciências no Brasil. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 8., 2009, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: ABRAPEC, 2009.

PALMIERI, L. J. **Museus de ciências e o Ensino de Química**: análise praxeológica de uma atividade museal. 2018. 163 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e em Matemática) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

PALMIERI, L. J.; SILVA, C. S. da; LORENZETTI, L. O enfoque Ciência, Tecnologia e Sociedade como promoção da Alfabetização Científica e Tecnológica em Museus de Ciências. **ACTIO: Docência em Ciências**, Curitiba, v. 2, n. 2, p. 21-41, 2017.

PARRA, K. N.; KASSEBOEHMER, A. C. Levantamento e análise dos trabalhos que abordam o tema museus e centros de Ciências nos ENEQs de 2002 a 2012. ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE QUÍMICA, 17., 2014, Ouro Preto. **Anais [...]**. Ouro Preto: SBQ, 2014.

RIBEIRO, A.; MASSARANI, L.; FALCÃO, D. Museus de ciências e Covid-19: análise dos impactos da pandemia no Brasil. **Museologia e Patrimônio**, [S.l.], v. 15, n. 1, p. 243-269, 2022.

ROCHA, J. N.; MARANDINO, M. O papel e os desafios dos mediadores em quatro experiências de museus e centros de ciências itinerantes brasileiros. **JCOMAL**, [S.l.], v. 3, n. 2, p. 1-22, 2020.

SANTOS JÚNIOR, A. C.; VALÉRIO, M.; PACHECO, J. R. Presenças dos centros e museus de ciência e tecnologia brasileiros em ambientes virtuais: mapeamento e caracterização. **JCOMAL**, [S.l.], v. 8, n. 1, p. 1-14, 2025.

SILVA, A. C. dos S.; LORENZETTI, L.; SILVA, C. S. da. Divulgação científica em um Museu de Ciências: um estudo de público tendo como foco as famílias visitantes. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, [S.l.], v. 12, n. 1, p. 36–53, 2019.

SOUZA, M. P. C.; MARANDINO, M. De que formas temas complexos como biodiversidade e conservação são abordados em exposições de imersão? **JCOMAL**, [S.l.], v. 7, p. 1-22, 2024.

STEOLA, A. C. da S.; KASSEBOEHMER, A. C. O espaço da química nos centros e museus de ciências brasileiros. **Química Nova**, São Paulo, v. 4, n. 9, p. 1072-1082, 2018.

VALENTE, M. E.; CAZELLI, S.; ALVES, F. Museus, ciência e educação: novos desafios. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 12 (suplemento), p. 183-203, 2005.

VALERIO, M.; TAKATA, R. Afinal, o que é divulgação científica? Explicação e proposição de uma definição plural. **Pro-Posições**, Campinas, v. 36, e2025c0502, 2025.

XAVIER, D. A museologia itinerante: uma perspectiva histórica. **Cadernos de Sociomuseologia**, [S.I.], v. 45, n. 1, p. 37-59, 2014.

**Submissão:** 25/02/2026. **Aprovação:** 31/03/2026. **Publicação:** 30/04/2026.